



Quando nada é o que parece ser, as palavras ganham significados contrários

# INTERLÚDIO

Um dos mais contundentes dramas escritos em língua portuguesa no Século 21

**Interlúdio** - James McSill. All rights reserved. Protected under the Berne Convention.  
Copyright © 2010 da Parêntese Editora, mediante acordo firmado com o autor.

**Créditos da edição**

Editor Chefe: Jack (editor@parentese.com.br)  
Editoração: Equipe Editorial Revisão: Paulo C. Almeida  
Capa: Feira Livre Design

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M175i McSill, James.  
Interlúdio : um dos mais contundentes dramas escritos em língua portuguesa  
no século XXI / James McSill. – Rio de Janeiro : Parêntese, 2010.  
384 p. ; 24 cm.

ISBN 978-85-60507-09-2

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Título.

CDU 869.0(81)-31

CDD 869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira - romance 869.0(81)-31  
(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)  
(Número de controle editorial: 00-06-10-15000-01-386)

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônico, mecânico, fotográfico, gravação ou quaisquer outros. Todo o esforço foi feito para fornecer a mais completa e adequada informação, contudo a(s) editora(s) e o(s) autor(es) não assume(m) responsabilidade pelos resultados e usos da informação fornecida. Este livro **não** contém CD-ROM, disquete ou qualquer outra mídia nem oferece qualquer tipo de suporte técnico.

**Erratas e atualizações:** Sempre nos esforçamos para entregar a você leitor um livro livre de erros, gramaticais, técnicos ou de conteúdo, porém nem sempre isto é conseguido, seja por motivo de alteração de software, interpretação ou mesmo quando alguns deslizes constam na versão original de alguns livros que traduzimos ou editamos. Sendo assim, criamos em nosso site a seção Erratas, onde, se algum erro for encontrado em nossos livros, este será relatado com a devida correção.

**Avisos e Renúncia de Direitos:** Este livro é vendido como está, sem garantia de qualquer tipo, seja expressa ou implícita.

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou comercial são de responsabilidade total de seus proprietários. A Editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro. No decorrer da obra, imagens, nomes de produtos e fabricantes podem ter sido utilizados e desde já a Editora informa que o uso é apenas informativo, ilustrativo e/ou educativo, não visando lucro, favorecimento ou desmerecimento do produto/fabricante.

**Obra de Ficção e Classificação Etária:** Este livro é uma obra de ficção descrita pelo autor, não podendo ser encarado pelo leitor ou por terceiros como fiel retrato da realidade. Nomes, lugares, cenários, situação e etc... citados no decorrer do textos são ilustrativos e não condizem com a realidade. Pode ocorrer no decorrer do texto o aparecimento de termos pejorativos, obscenos ou questionáveis por parte da sociedade e por tal motivo informamos desde já que a leitura do livro é indicada a **maiores de 14 anos**.



**Parêntese Editora & Parceira do Autor**

www.parentese.com.br / parentese@parentese.com.br

*Interlúdio*

Tão breve um interlúdio,  
No entanto, que aconchegante.  
Que suave a paz que proporciona.

Eu entristeço  
Face ao inevitável,  
Cogitando por que deve acabar  
Tão cedo.

E, no entanto,  
Não poderia se tornar como  
Uma volta eterna  
E encontrar em seu fim,  
Um começo?  
*(autor desconhecido)*



Obrigado

Essa história, como toda ficção, não surgiu ao acaso. Segue então a minha lista de agradecimentos, os meus amigos sem os quais...

A ideia da estrutura da trama veio de uma conversa entre mim e a Mari Lucie. Estávamos num museu e ela, profunda conhecedora de arte, me explicava, didaticamente, como a gente pinta em camadas, que o pinguinho branco no olho do retratado é, na verdade amarelo. Uau!... Já no cafezinho eu contava para ela a trama que você vai ler. Mari, sem ti...

E veio o Marcelo Aldrighi, entre uma e outra viagem, ficávamos horas ao telefone entre Dubai e Inglaterra discutindo os personagens. Marcelo, sem ti...

E vieram o Douglas Webb e a Sue Tucker. Ele, mórmon, não só dirigiu mais milhas do que me lembro, Utah afora, para eu fotografar as localizações da trama, mas também me ajudou a entender as doutrinas. Ela, com um poema lindo (Lápis de Cera), que usei para criar uma personagem. Sem vocês dois...

Depois veio a Kyanja Lee. O meu obrigado a ela é do tamanho do livro que acabamos escrevendo juntos a respeito de como escrevi esse livro. Kyanja linda, sem teus olhos...

E vieram a Eliane Accioly e a Betty Silbestein. A primeira, terapeuta, me ajudou a dramatizar para o leitor as reações de um dos personagens principais, ela entende como ninguém a alma humana; a segunda teve a paciência de passar para "você" um texto que estava com "tu". Os paulistas, agora, vão poder concentrar-se na trama sem se distraírem com a linguagem. Meninas, sem vocês duas...

E tem o Peter Wallace, que me aguentou dedilhando num teclado barulhento dia e noite e muito me trouxe litros de suco de laranja enquanto eu, deitado na banheira, editava a trama usando um programa de voz. Pet, sem ti...

Sobretudo, dedico esse livro ao Edgar Canez e ao Célio Rosa. O primeiro, só ele sabe o que desta trama é ficção, o segundo, nunca vai ler esse livro, mas já sabe da história há tempos.

Ed, obrigado.

Célio, que sempre abras tuas etéreas asas de anjo e me dês teus abraços no coração. De onde estás, bem sabes que eu achava que, se fosse eu contra o rio, eu perdia. Se não fosse, então, a tua voz na minha mente dizendo: "perdias nada", entre outras coisas, esse livro não teria sido escrito. Obrigado, meu eterno amigo. Luz da Minha Vida...



## I

**Meados de março, 1978.**

**Cidade de Pelotas, extremo sul do Brasil.**

Ia dizer “Instituto Cultural Norte-Americano, boa-tarde!”, mas não deu tempo. Quem chamava do outro lado da linha já estava falando.

– Um homem com sotaque inglês – cochichou a secretária, trazendo o aparelho para mais perto de mim – quer falar com o professor Lázaro Prata.

Apanhei o telefone das mãos de Marta, cuidando para que o fio não derubasse os livros nem as caixas de giz empilhadas na mesa.

– Sim. Lázaro falando.

O sotaque era americano. A voz nasalada mostrava desconforto.

Tomado de certa agitação, pus-me de pé para prosseguir a conversa. Marta, enquanto isso, apressava-se em conduzir para as salas os alunos que chegavam.

O homem apresentou-se como Comandante John Betts, adido militar. “Adido. Adido?” Deixei a conversa fluir, não sabia tudo em inglês. Ele havia chegado com a família ao Brasil na quinta-feira da semana anterior e, na sexta-feira, se instalado na cidade, vindo de Porto Alegre. Entretanto, logo ao chegarem, um compromisso inesperado o obrigava a voltar à capital. O filho, lamentava, não poderia acompanhá-los; havia sofrido um acidente, uma queda, que lhe imobilizara uma perna, ferira as mãos e os braços. Por fim, quis saber se eu, que havia sido indicado como tradutor-intérprete e acompanhante, estaria disponível. Mais que tudo, precisava saber de minha disponibilidade para dormir no serviço. Iam se ausentar por duas semanas e, à noite, o filho não queria ficar sozinho.

“Eu? Quem teria me indicado a uma coisa dessas? Nunca trabalhei de tradutor-intérprete, muito menos de acompanhante! Mas... que seja!”, pensei, “tudo tem uma primeira vez...” Falei: – Sem problema, faça isso com frequência. Em seguida, calei-me a fim de pensar melhor, receoso que o cliente fosse um garoto muito novo, que poderia passar as madrugadas acordado, querendo brincar. Afinal, eu tinha que dormir, ia dar aulas no outro dia.

Entretanto, para minha alegria, antes que lhe perguntasse a idade do filho, tranqüilizou-me avisando que era um rapaz de dezesseis anos.

*Interlúdio*

Dei uma sambadinha no lugar para celebrar e resolvi mostrar mais entusiasmo pelo telefonema. Iria me valer um dinheirinho extra, dar uma de babá para o gringo!

O entusiasmo funcionou.

A voz de desconforto dele foi passando, tornou-se forte, firme, quase sensual.

– Um minuto! Vou anotar. Seu filho se chama...

Soletrei o nome do rapaz no bloco da Marta: D–e–n–n–i–s B–e–t–t–s.

– Dois enes? E dois tês?

Quando percebeu que eu anotava o nome do filho, a voz dele abafou-se. Eu o escutava, ao longe, dizer para alguém que eu estava aceitando o serviço.

Quando a voz ficou alta outra vez, quis saber dos meus honorários.

– Quinze dias? – confirmei. – Hum... Três horas durante o dia, mais as noites, isso vai dar... – sem fazer cálculo nenhum, larguei o primeiro valor que me veio à cabeça – duzentos dólares. Se ficar bem assim, aceito.

Mentalmente, cruzei os dedos. Esperei.

“Fechado”, declarou o americano.

Já emendei que ia ver meu horário. Depois da aula, telefonaria para avisar quando poderia começar. Ele me interrompeu, explicou que não tinha telefone em casa e precisava de mim no início daquela noite. Pensei nas aulas. Percebi o olhar aflito da Marta. Meus alunos ameaçavam ir embora, – já termino – disse em português.

Era melhor encerrar a transação.

– Qual o endereço?

Rabisquei o endereço no bloco; marquei de chegar às sete.

Ele enfatizou o horário e começou a se despedir.

– Por curiosidade... – eu o interrompi – quem me indicou mesmo?

Um vozerio em inglês e português se seguiu do outro lado da linha, até me informar que havia sido uma senhora na igreja que ele frequentava. Eu ia pedir o nome dela, porém o americano falou primeiro.

– O seu filho é o quê? Tem o quê?

Os sons da palavra, fora do meu vocabulário, saltaram-me ao ouvido. Ainda assim, não entendi.

– Podia repetir? De que doença ele sofre?

Tarde demais. Fiquei parado, ouvindo o ruído do telefone desligado, com a palavra “*Moron*” na minha cabeça.

Essa não. Se eu fosse inglês, ia saber tudo, porém não era. Mas, também, não era hora de ficar encucando com meus problemas pessoais. Pensei no di-

nheiro. Duzentos dólares. “Nada mal”, ri sozinho, “nada mal.” Seriam mais ou menos 2.700 cruzeiros, além do salário do Cultural. Longe do telefone, eu podia relaxar e fazer contas de cabeça. 2.700 cruzeiros apenas para cuidar de um americaninho: “Dennis”. Olhei para o papel. “Betts.” Peguei a caneta de novo e acrescentei mais um detalhe ao lado do nome do filho do americano, antes de meter a folha no bolso: (MORON).

Marta olhou o relógio e piscou o olho.

Devolvi a piscadela.

Meus alunos, apinhados em torno da escrivaninha, nos observavam, agora, curiosos.

– Problema, professor? Vai ter aula hoje?

– Problema nenhum! – respondi. – Vamos já para a sala.

Marta balançou a cabeça, rindo.

– É, minha amiga... – beijei o ar em sua direção, desculpando-me por deixar os alunos esperando – Vão cair duzentos dólares, limpinhos, aqui no meu bolso.

– Vou me esfregar em você para pegar sua sorte, Lázaro!

– À vontade.

Ela ficou rindo. Fui separar meus manuais dos outros livros na mesa.

Por fim, com duas barrinhas de giz se esfarelado na minha mão e uma pilha de manuais debaixo do braço, apressei-me pelo corredor, imaginando o americaninho que eu iria encontrar. Que ele sofria de... – *Moron?*... – nem me importava mais...



## II

Para Dennis, podia ser dia, noite ou qualquer dia da semana. Havia perdido a noção de tempo e espaço, no instante em que deixara para trás sua amada cidade de Provo.

No assento traseiro do carro, a mãe e a irmã não se calavam.

- Já vai chegar, mamãe?

- Não, Candy, ainda temos de pegar um avião.

- Eu não quero pegar um avião, mamãe.

- Vai adorar, docinho.

- Vou?

- Vai.

O carro vencia a autoestrada vazia, acelerando.

Quando Dennis acordou de verdade, ajuntaram-se, eles quatro, em torno do balcão da Pan Am, no aeroporto de Salt Lake. Os carrinhos com malas, sacolas, caixas e caixotes de todo tipo, foram abandonados no meio do saguão para eles seguirem atrás do pai que, a cotoveladas, abria caminho por entre os passageiros de voos bem anteriores aos deles.

No balcão, o pai mostrou o passaporte.

A atendente folheou as listas, fingindo não ver os passageiros, calados, disputando, numa dança sem música, o lugar no balcão que, segundos antes, ainda lhes pertencia.

- Mr. John Betts? Mrs. Rebecca Betts? Candice e Dennis...

A mãe anuiu com a cabeça.

Do fichário plástico, ao lado do telefone, a atendente produziu os bilhetes.

- Confira-os, por favor! - disse ela.

O pai mal examinou as folhinhas. Sem agradecer, virou-se de costas para o balcão, enfiando os bilhetes no bolso da sacola da mãe. Enquanto enxugava com os dedos o rosto empapado, anunciou que ia devolver o carro de aluguel.

- Não ainda. - disse a mãe, revolvendo o fundo da sacola e achando um frasco de comprimidos enfiou-o na mão do marido. - Antes de entregar o carro, toma dois. - como se adivinhasse que ia acompanhar o pai, a mãe abraçou Dennis pela cintura. - Vamos organizar as bagagens para o despacho. - argumentou - Deixe seu pai ir sozinho.

O pai se afastou pela porta do saguão, enquanto roçava o pequeno frasco ao lado do paletó, sem encontrar o vão do bolso.

*Interlúdio*

Daquele momento em diante, nada mais ia dar certo na viagem. A começar pelas caixas que, à última hora, não puderam despachar. O atraso em Los Angeles e o dia sem fazer nada num aeroporto de um lugar muito pobre, em companhia de passageiros malcheirosos.

Depois, a espera.

Uma tarde toda? Uma noite toda?

Já não lembrava mais.

Que refeição fizera, o que comera? O que tivesse sido, o gosto residual era horrível! Além do mais, a mãe o obrigara a tirar as folhinhas de alface, uma a uma, para não pegar uma dor de barriga.

– Onde está a garrafa desta água?

– Ele me vendeu no copo.

– Não tome, Dennis! – alertou a mãe – Parece água da torneira.

– É isso ou Coca-Cola.

– Quer ir para o Inferno, metendo cafeína nesta barriga?

– Estou com sede, mãe.

– Todos estamos. Faz de conta que é jejum. Aguenta e ora.

Candy, quando não estava desenhando, chorava. A mãe, sem abandonar o sorriso de fada que sempre ostentava na rua, consolava-a com histórias dos Pioneiros Mórmons que, em nome de Deus, atravessaram a América de carroça, quase exterminados pelos índios, para se estabelecerem em Utah. O pai, calado a viagem toda, lia e relia o único jornal que trouxera, trocando-o pelas Escrituras cada vez que avisavam não ser ainda a hora de embarcar.

O voo para o sul do Brasil: deste, ele preferia nem se lembrar.

A mãe lhe passava o último saquinho.

– Vai vomitar de novo, Dennis?

– Não sai mais nada, mãe.

Ela abriu a bolsa, lançando um olhar ao marido.

– As pílulas, John.

Ele meteu a mão no bolso e devolveu o frasco à esposa.

– Toma uma! – disse ela ao filho, arremessando o frasco no colo dele – E feche os olhos.

Sem exagero, Dennis achava que, ao fim da viagem, não teria mais tripas para vomitar. O calor sufocante, que o fizera passar mal (ele imaginava ser apenas um problema de refrigeração dentro da aeronave) provou ser ainda mais intenso quando as portas abriram e os passageiros se alinharam para caminhar pela pista rumo ao pequeno terminal. Lá fora, gritos, risadas e assobios.